

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:
CIDADE VIVA
INSTITUTO

denominação
Fazenda Monte Alegre

código
AVII - FO4 - Nat

localização
Estrada RJ-214 – Itaperuna / Varre-Sai

município
Natividade

época de construção
século XIX (1835)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de café orgânico e plantio de eucalipto / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



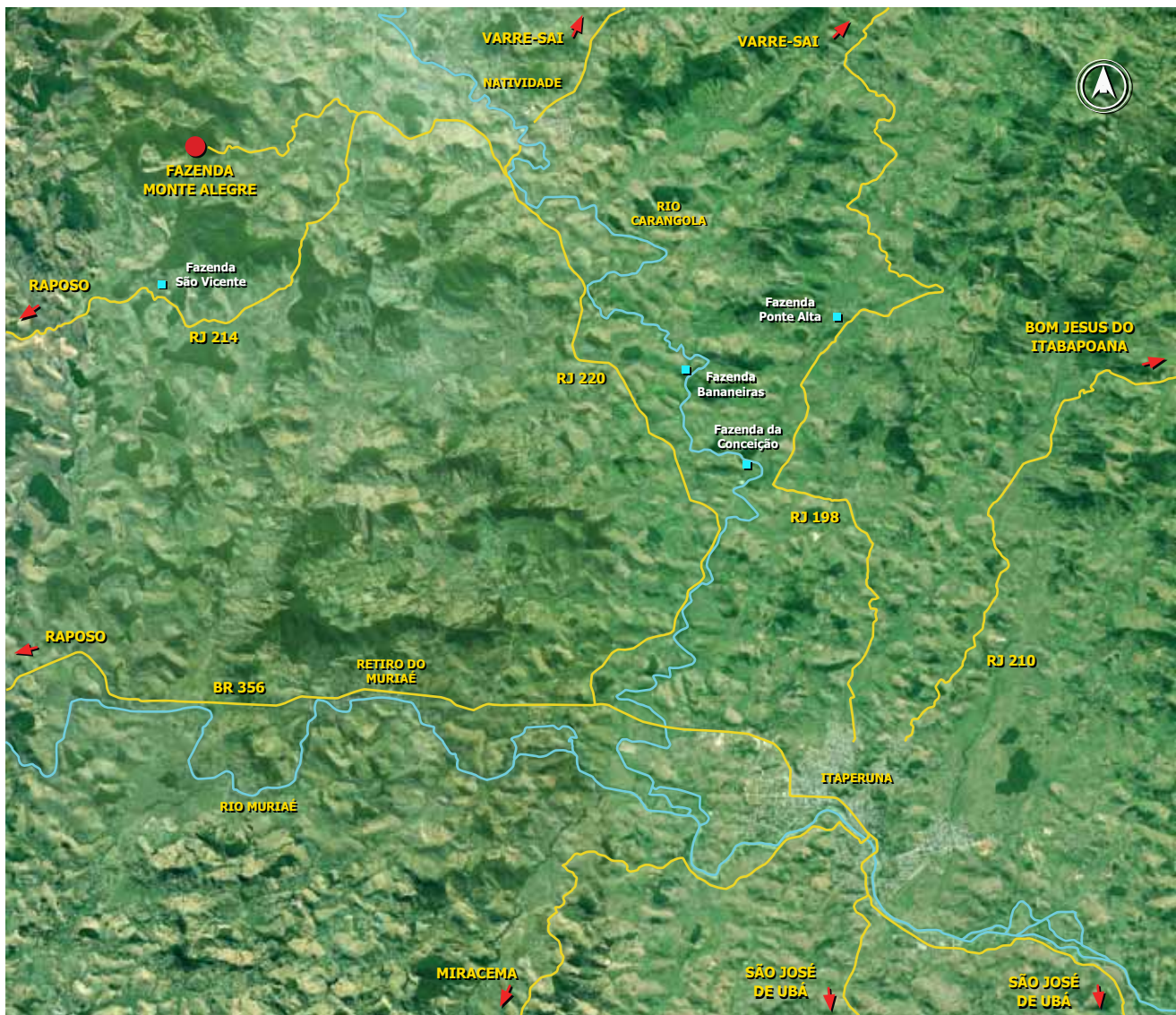
fonte: IBGE - Eugenópolis



Fazenda Monte Alegre, casa-sede

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – abr 2010**
equipe **Marcelo Salim de Martino, Vitor Caveari Lage e Jean Carlos Rabelo Ferreira**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010



situação

As terras da Fazenda Monte Alegre encontram-se, hoje, ocupando uma área que foi subdividida entre os municípios de Natividade (casa-sede) e Itaperuna (terras), distrito de Raposo. O acesso à região é realizado pela RJ-214, que passa pelo povoado de Cruzeiro do Marambaia (também conhecido como Cruzeiro de Cima), de onde parte uma estrada vicinal localizada do lado esquerdo no sentido Raposo-Natividade.

A uma altitude de 440 m é alcançada a casa-sede da fazenda, que foi construída sobre platô em aclave, cercado por extensa área verde e uma vista deslumbrante do vale que domina toda a região (f01).

Do lado esquerdo está localizada parte da antiga tulha, transformada em barracão (f02), e uma pequena fonte com chafariz, utilizada como bebedouro para patos e gansos (f03).

O entorno da casa-sede possui muitas árvores, das quais grande parte são espécies frutíferas como jabuticabeiras, mangueiras e jambeiros, que, em época de frutificação, atraem uma infinidade de pássaros (f04).



01



02



03



04

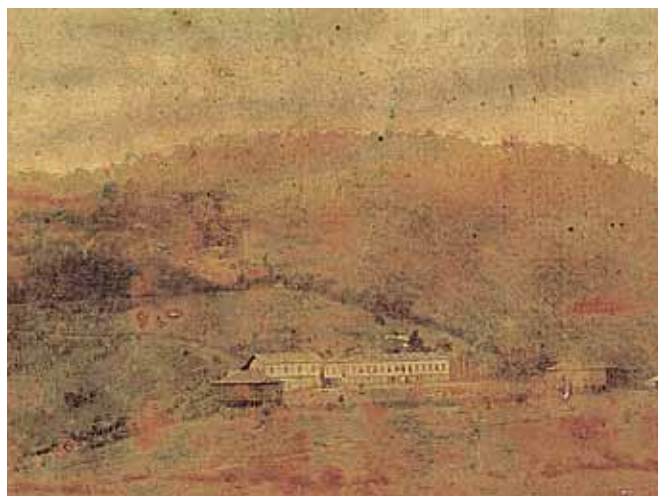
A casa-sede dessa propriedade exibe planta em “U”, tendo a fachada principal voltada para o terreiro de secagem de grãos, que ainda hoje é utilizado, uma vez que a fazenda continua produzindo café orgânico (f05 e f06). Sua planta original seguia o partido tradicional típico das construções rurais da região (f07), até a época em que foi incorporado o extenso avarandado frontal, que conferiu à construção o estilo colonial brasileiro que ostenta atualmente. Foi edificada, parcialmente, sobre porão alto habitável, onde se destacam os quatro arcos abatidos (ver f05), sendo o restante da construção térrea.

O acesso pode ser realizado de duas maneiras: pelo porão, através da escada de madeira primitiva, guarnecida com quartilhas – localizadas na parte inferior e na parte superior da escada – e complementada por guarda-corpo de madeira recortada (f08 e f09); ou ainda pela escada de alvenaria, instalada no eixo central do alpendre, a qual estabelece ligação entre este e o terreiro de café (f10).

Na primeira ala da planta em “U” está localizado o bloco principal da construção (f11), que apresenta cobertura de quatro águas, com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, arrematado por generosa cimalha em madeira (f12). Nesse mesmo trecho está o alpendre, construído em alvenaria, sobre arcos: ali se destacam as diminutas colunas, que possuem o fuste em forma de cone (f13), sustentando o extenso telhado arrematado por cachorros que suportam o beiral (f14).



05



07



06



08



09



10



11



12



14



13

As janelas externas são do tipo guilhotina em caixilharia de vidro, com vergas retas e acabamento em pintura nas cores azul colonial e branco, emolduradas por uma larga listra de cor ocre (f15). Já as janelas internas são de folha única, lisa, assim como as grandes portas instaladas no interior da casa-sede (f16 e f17).

Através do alpendre, pode-se acessar um grande salão com diversas mobílias, piano e uma lareira instalada recentemente (f18), inclusive um grande *buffet* de madeira nobre – provavelmente jacarandá –, com espelho francês bisotado (f19). Ainda nesse cômodo estão localizados o banheiro social e o escritório. Este possui forro de madeira (f20) e paredes revestidas com texturas; recentemente, ali foi executada uma pintura parietal retratando a casa-sede (f21).

Por meio de um corredor (f22), ingressa-se nos quartos (f23), banheiro (f24) e copa – que possui um barrado de meia altura em azulejos do tipo português (f25 e f26).



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26

Há também cozinha com fogão a lenha, um curioso pátio interno (f27) e capela (f28). Aos fundos da edificação, destaca-se uma pequena varanda com telhado de copiar (f29). Através de uma escada de pedra com degraus de madeira, alcança-se a estrada que leva à mata, à cachoeira, adentrando no município vizinho de Antônio Prado, em Minas Gerais (f30).

A casa-sede possui lustres e arandelas executados em diversos materiais e de procedências variadas (f31, f32 e f33), distribuídos pelos quartos, banheiros e corredores, além de móveis e antiguidades que adornam e valorizam a sua decoração, como as duas cadeiras estofadas de veludo e com pintura floral no encosto, provavelmente do início do século XX (f34).

No pátio interno (ver f27), pavimentado com pedra, estão instaladas uma fonte com chafariz no estilo romântico e algumas roseiras para relembrar o antigo título da propriedade que ficou conhecida na região como “A Fazenda das Rosas”, pelo fato de ter possuído, naquela época, muitos pés dessa espécie. Constantemente a fazenda era procurada por pessoas da cidade interessadas nas flores para decorar casamentos, festas e até mesmo para a ornamentação de caixões e cerimônias fúnebres.

Nesse mesmo pátio, há um acesso para a capela através de um portão de ferro forjado: trata-se de uma edificação de linhas simples, que possui como detalhes arquitetônicos um frontão triangular e nichos com imagens sacras (ver f28). No seu interior, há um altar central (f35), composto por uma peça com duas gavetas, proveniente de uma grande cômoda e decorado por pinturas florais e diversas imagens.

Na capela, há também pia batismal (f36), confessionário (f37), turíbulo, lâmpada do Santíssimo e todas as alfaias necessárias para uma celebração religiosa.



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37

Destacam-se antigos oratórios do século XIX e da primeira metade do século XX, dispostos nas paredes internas dessa construção (f38). Na fachada posterior (f39), no trecho onde estão instaladas as dependências dos empregados e a área de serviços, identifica-se um curioso acabamento instalado logo abaixo do beiral, que lembra um lambrequim, porém mais rústico, mais simplificado, sem os comuns recortes rendados (f40). Em continuidade à casa-sede, do lado direito, foi construído um muro de contenção em pedra de mão e uma pequena escada, através da qual se chega à parte dos fundos da edificação (f41). Tudo isso sob o olhar vigilante de uma estátua de ferro fundido de Mercúrio¹ (f42 e f43).



38



39



40



41



42



43

¹Na mitologia romana, Mercúrio é um mensageiro, deus do lucro, da venda, do comércio e da eloquência, também conhecido como deus dos viajantes e dos ladrões, tendo a maior parte de suas características emprestadas do deus grego Hermes. Esse tipo de estatuária que, além de figuras mitológicas, representavam as estações do ano ou os continentes, geralmente confeccionadas em ferro fundido, terracota ou cerâmica vitrificada, eram utilizadas na decoração dos jardins das fazendas e das residências urbanas mantidas por seus proprietários, abastados fazendeiros da aristocracia rural.

A casa-sede recebeu uma série de intervenções ao longo dos anos. A planta atual da residência foi executada a partir dos vestígios encontrados no chão, por um arquiteto equatoriano², na época contratado pelo então proprietário Sr. Alírio Braz, para realizar a reconstrução, uma vez que grande parte da casa havia desabado. Data dessa mesma época a construção do avarandado em alvenaria.

Recentemente, foram implantadas mais quatro colunas de concreto na sustentação do telhado do extenso alpendre que ameaçava selar (f44). No porão, destacam-se os barrotes de madeira sustentados por pilares de alvenaria de tijolo maciço rebocado (f45) e a parede revestida com pedras (f46).

A casa-sede recebe tratamento semestral contra insetos xilófagos de solo. A última obra realizada foi a construção da escada central instalada no alpendre e a varanda da fachada dos fundos.



44



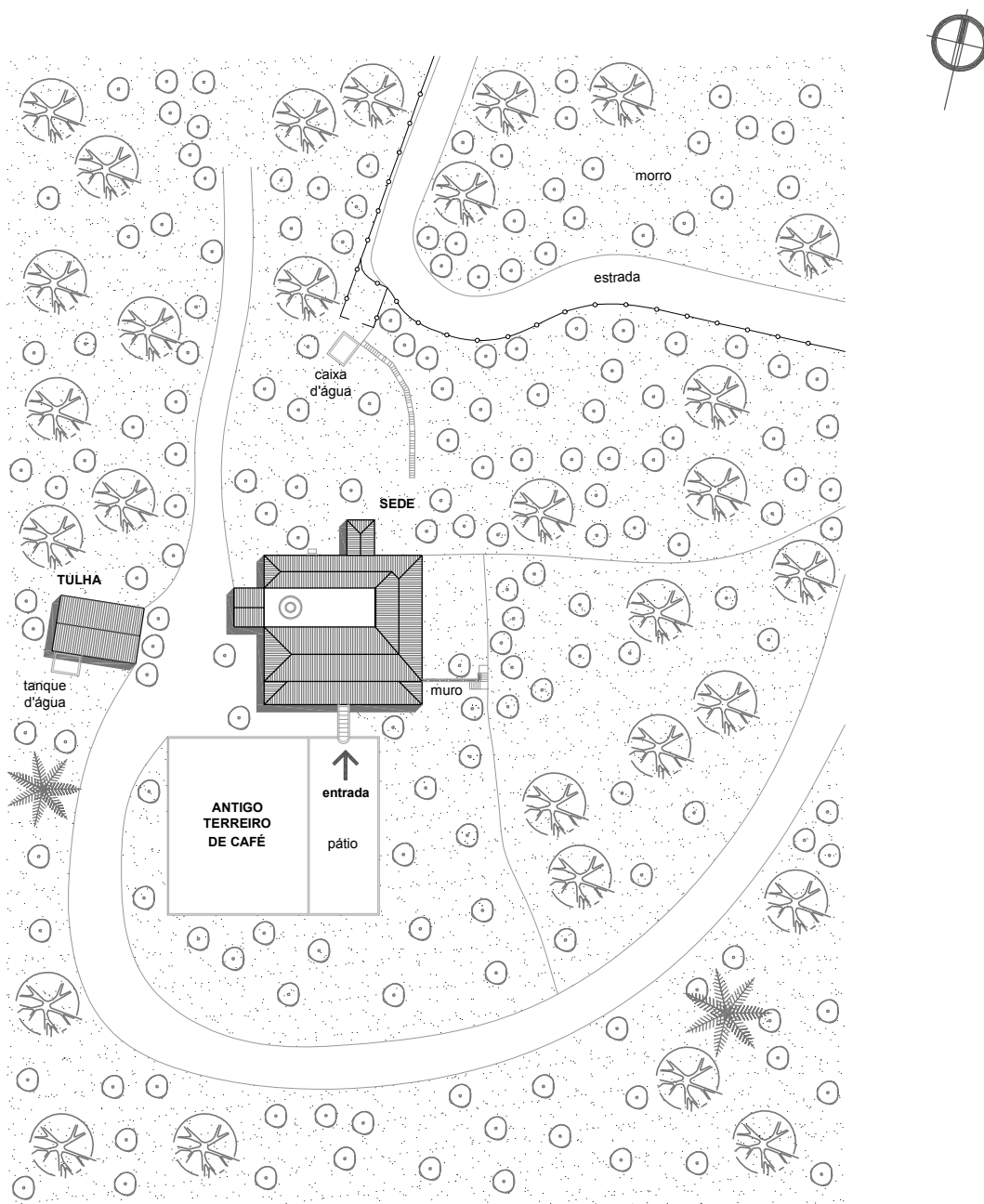
46



45

² Talvez alguns elementos arquitetônicos e decorativos identificados no local e agregados ao edifício possam ser compreendidos pela procedência cultural desse profissional.

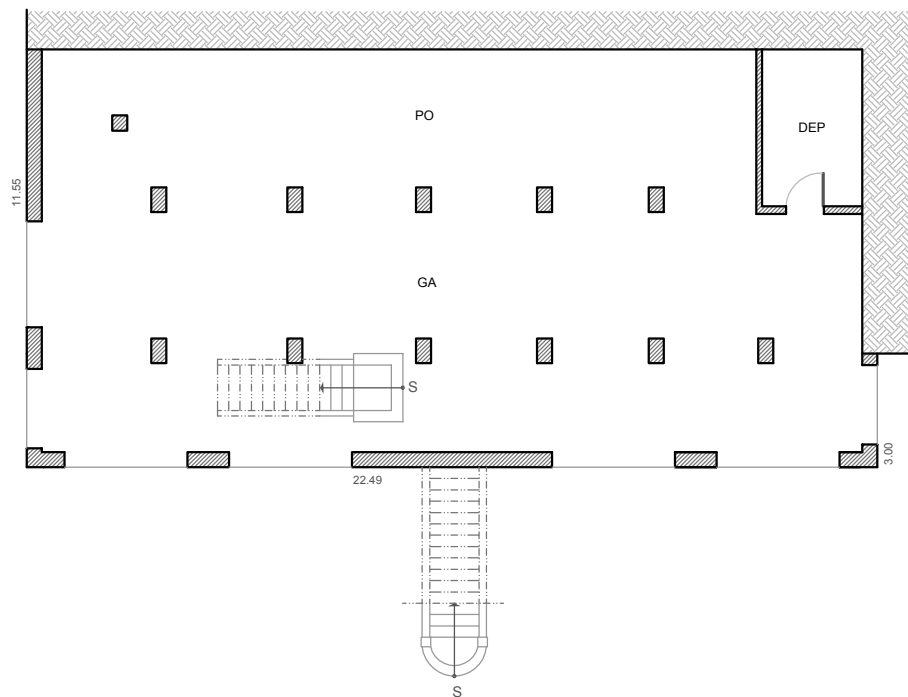
FAZENDA MONTE ALEGRE



1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA MONTE ALEGRE



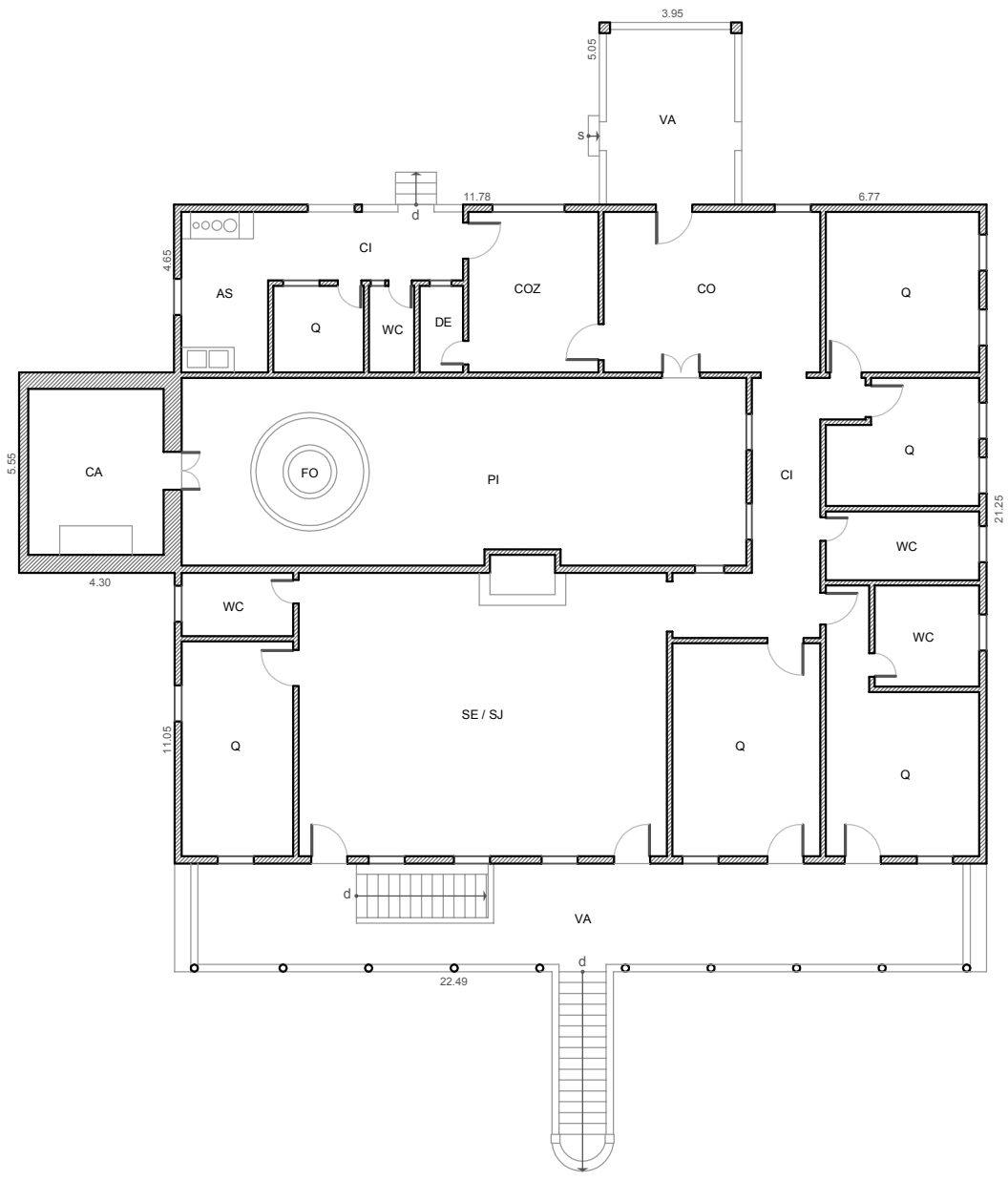
1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/200



DEP - depósito PO - porão
GA - garagem

alvenaria existente
alvenaria demolida

FAZENDA MONTE ALEGRE



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



AS - área de serviço	CI - circulação	COZ- cozinha	PI - pátio interno	SE- sala de estar	VA - varanda	alvenaria existente
CA - capela	CO - copa	DE - despensa	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AVII - F04 - Nat		3/3	
equipe: Marcelo Salim de Martino/ Vitor Caveari Lage		desenhista: Jeancarlo Rabelo Ferreira		revisão: Francyla Bousquet	
				data: abr 2010	

A Fazenda Monte Alegre foi fundada em 1835, por Manoel Machado Santana, conforme consta na relação dos bandeirantes que fundaram as grandes e primitivas fazendas do antigo município de Itaperuna.

Anos depois, foi adquirida por João Francisco Braz, proprietário da tradicional “Usinas Braz”, de Porciúncula. João Francisco teve oito filhos, e para cada um deixou uma fazenda, cabendo a Monte Alegre a seu irmão, Alírio Braz. A Fazenda Monte Alegre, que chegou a ser a segunda maior propriedade rural de Natividade, estava inserida numa rota de tropeiros que fazia o transporte da produção de café da região em lombo de animais até o embarque na Estação Ferroviária de Natividade.

A casa-sede servia de hospedagem às tropas, tendo sido a atual grande sala outrora dividida em diversos quartos utilizados na acomodação, e o banheiro, conhecido por “casinha”, era um pequeno quartinho edificado sobre um córrego próximo à casa-sede. Neste estavam instaladas as “secretas”, que eram buracos circulares, geralmente feitos numa laje de pedra ou mesmo em pranchas de madeira, que atualmente corresponderiam aos vasos sanitários.

Durante o apogeu econômico da região, em que Itaperuna passou a ser o maior município produtor de café do Brasil, a Fazenda Monte Alegre chegou a contar com cinquenta e uma casas para colonos.

Ela permaneceu por sessenta e cinco anos em poder da família Braz, até ser transferida à atual proprietária. Atualmente ocupando 13 alqueires³, a Fazenda Monte Alegre produz café orgânico, mel e eucalipto.

Em suas terras, encontra-se a Rubiaceae *Psychotria Ipecacuanha*, popularmente conhecida como “poaia”, planta originária da Mata Atlântica muito difundida no combate à disenteria; ali estão plantadas também a cefaelina e a emetina, princípios ativos da Ipecacuanha, usados como antieméticos, contra a amebíase, por exemplo. A planta era considerada desaparecida da região noroeste fluminense desde 1870, e foi redescoberta e encontrada nas matas das fazendas Monte Alegre e São Vicente.

Além da poaia, a mata da Fazenda Monte Alegre abriga também fauna variada: serpentes, micos diversos e o macaco bugio ou barbado.

A natureza exuberante, com fragmentos de Mata Atlântica, aliada à conscientização da atual proprietária em relação ao desenvolvimento de práticas agrícolas tradicionais – como a produção orgânica de café – e à preservação do meio ambiente fazem da Fazenda Monte Alegre (f47) local ideal para a realização de projetos e de ações voltadas para o estudo e para a perpetuação de espécies da flora e da fauna da região noroeste fluminense.



47

³Desses 13 alqueires, 95% são de matas ombrófilas, um ecossistema em que há chuva durante o ano todo, normalmente encontrado em terras localizadas em altitudes elevadas, entre 400 e 1000 metros, e que faz parte do bioma Mata Atlântica. A denominação floresta ombrófila surgiu em substituição à floresta fluvial tropical. Ambas, porém, têm o mesmo significado: “amigo das chuvas”.

Bibliografia:

O Café – No Segundo Centenário de sua introdução no Brasil. Edição do Departamento Nacional do Café. Rio de Janeiro. 1934, p.417.

HENRIQUES, Major Porphiro. *A Terra da Promissão – A História de Itaperuna*. Gráfica e Editora Aurora, 1956, p.245.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*, 2ª edição, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado, 1996, p. 123 e 124.

GONÇALVES, Maria Inês Tederiche Micichelli. Trabalho de Conclusão de Curso. *Coleções Didáticas de Plantas no Ensino Fundamental e Médio no contexto do ambiente não formal de ensino*, 2006/2007.

Site – <http://pt.wikipedia.org>

DINIZ, Dulce. *O Desenvolver de Um Município – Itaperuna - Do Germinar à Frutificação*. Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 1985.

MONTEIRO, Eugenia Del Carmen Quilodrán Briones Monteiro. *Experiências Instituintes no Sistema Público de Ensino: O Caso de Natividade*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2005, p.71 e 72 (inclusive a imagem f51).

Revista *UNICIDADES* – Revista do Noroeste Fluminense Ano 2 – Setembro de 2009.

Acervo da Fazenda Monte Alegre (f06 e f49).

Informação verbal fornecida por D. Noêmia Braz, de 98 anos, filha de João Francisco Braz, antigo proprietário da Fazenda Monte Alegre.

Informação verbal fornecida pela Sra. Adriana Nascimento Sanches, atual proprietária.